

O USO DA NOVAS TECNOLOGIAS COMO INSTRUMENTO DE INCENTIVO E ALTERNATIVA PARA A APRENDIZAGEM

Luana Pereira da Costa¹

Carolina Zanela de Queiroz²

Faculdade Padre João Bagozzi- luanapcosta1@gmail.com

RESUMO

O objetivo mais esperado hoje a respeito da escola, é que essa, por sua vez, prepare e qualifique os indivíduos para recriar e intervir na sociedade de modo pleno. Porém o modelo metodológico ultrapassado, arraigado de tradicionalismo, mostra-se incapaz de satisfazer as demandas dessa clientela de alunos que ocupa nossas escolas e por isso aumentam estatisticamente os dados das mais variadas dificuldades de aprendizagem, pois o uso errôneo das metodologias, pode influenciar potencialmente os resultados negativos ao fim do processo de ensino aprendizagem. Uma vez que sem estímulos para aprendizagem, pouca aprendizagem significativa é promovida. A psicopedagogia, ao buscar alternativas para os problemas percebidos durante o decorrer do trabalho pedagógico, enfatiza que o uso das TIC's, tornaram-se um riquíssimo instrumento de trabalho e alternativa para um aprendizado, não só mais dinâmico, como contundente. Através deste artigo, escrito partindo de referências bibliográficas e coleta de dados, pretende-se apontar os caminhos necessários para que a escola e docentes, possam preparar de modo mais envolvente, moderno e eficaz seus alunos, entendendo estes como sujeitos dentro de um processo de ensino e aprendizagem, tornando este mesmo processo mais significativo para ambos, aluno e mediador, pois parte do que lhe é próprio. Uma vez que as tecnologias e a era digital estão plenamente inseridas em nosso contexto e são utilizadas por esta geração sem receios ou dificuldades. Contudo, podem ser um grande diferencial na evolução do processos cognitivos de alunos com dificuldades de aprendizagem, despertando o desenvolvimento da criatividade e da curiosidade para o conhecimento e os saberes sistematizados.

PALAVRAS CHAVES: Dificuldades de Aprendizagem. Tecnologias Educacionais. Docentes.

INTRODUÇÃO:

Nossa escola é tradicionalmente conhecida pelo fracasso, pela evasão, pelo grande número de alunos com dificuldades e com pouca e significativa aprendizagem. Temos visto a escola repetir os mesmos erros e obter os mesmos resultados e ainda assim culpabilizar o aluno pelo seu fracasso, por sua reprovação, por suas notas baixas, agregando a estes, motivos para sua evasão. Esta mesma instituição ainda centraliza toda a dificuldade no aluno e coloca sobre este, unicamente, toda a responsabilidade de um processo que deveria ser coletivo, família, escola, professor aluno e sociedade. Padilha (2001) lembra que "essa centralidade do problema na criança revela a concepção mecanicista (o defeito está na máquina), bem como organicista (a imaturidade da criança, um problema no organismo)" e assinala que tais modelos não permitem interpretar adequadamente o fracasso escolar. Pois abstém-se, de sua responsabilidade, deixando de buscar teorias para embasar sua prática, repensar seu agir e concluir que toda criança aprende, quando há alguém que as ensine! Porém, que nem todos aprendem da mesma forma e no mesmo tempo e que este é um direito que precisa ser considerado. (PADILHA 2001)

A presente pesquisa buscar compreender de forma teórica e prática a importância das tecnologias educacionais para um aprendizado mais eficaz, principalmente em crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, entendendo como se dá o processo de ensino aprendizagem hoje e as metodologias utilizadas, investigando como uso das TIC poderia resultar positivamente no processo de ensino aprendizagem e ainda a importância do papel do professor frente as mesmas.

Ao analisar os Projeto Político Pedagógico de algumas escolas, percebemos que todas sustentam em sua teoria, o objetivo de construir sujeitos autônomos, capazes de julgar e fazer escolhas, capazes de pensar. Porém esta mesma escola, com dizeres tão bonitos, continua a ensinar do mesmo modo como se fazia à vinte anos atrás, sem incentivar a criatividade, sem buscar novos métodos, alternativas capazes de motivar o aluno a aprender.

Buscando respostas para a realidade, uma possibilidade que tem se mostrado como um diferencial. Seria o uso das novas tecnologias educacionais, integradas a um processo interdisciplinar, com o objetivo de, estabelecer uma prática educacional que organiza recursos e metodologias para promover os alunos, intervindo com aqueles que apresentam dificuldades ou déficits em seu desenvolvimento cognitivo, motivando o aprendizado e despertando

interesse pelo mesmo, jogos, sites, redes sociais específicas, salas de aulas virtuais e softwares educacionais incorporados aos processos pedagógicos.

A ESCOLA ATUAL E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

O processo de ensino x aprendizagem é um tema bastante discutido e debatido nos momentos atuais. É sabido que a temática tem sido alvo de muitas modificações e que muitos pesquisadores consideram o ensino e a aprendizagem termos indissociáveis na construção do conhecimento. Assim, não se pode compreender a importância do primeiro, sem reconhecer o significado a que o segundo nos remete nessa construção. (LOPES, 2006 p 35).

Como muito se aborda, percebemos a presença de diferentes linhas de pesquisas, algumas focando no aluno como construtor do seu conhecimento e a figura do professor como mediador desta construção, ora focando no professor como centro desta mediação, aquele, cujo é capaz de transmitir o conhecimento e fazer o aluno aprender. (LOPES, 2006 p 36).

O verbo Ensinar tem sua origem no latim, e provém da palavra *insigno*, que quer dizer transmitir ensinamentos, lecionar, doutrinar, alumiar, adestrar. O indicativo aprender também tem sua origem no latim, *apprendo*, e significa adquirir conhecimento, adquirir práticas e instruir (Bastos 1928 p89 , 326). Para Cortelazzo, o Ensinar e o Aprender são as duas grandes facetas da educação, tratando-se dos dois versos da mesma moeda, exemplificando que sem um não há o outro, pois são duas ações intimamente ligadas e entrepostas, que devem-se autocorrobortar para que o produto final seja positivo para ambas as partes, ora para o que ensina e ora para o que aprende (CORTELAZZO 2009).

A Revista Isto É em sua edição de número 1.834 em 2004, trouxe como sua reportagem de capa a frase “ENSINO REPROVADO II”, sua mensagem inicial trazia a tona o problema cujo nos deparamos dia-a-dia, alunos são aprovados série a série, sem corresponder positivamente a critérios mínimos de aprendizagem, muitos chegam ao 5º ano do Ensino Fundamental I, sem ter compreendido efetivamente o código escrito, ou seja, sem ler e escrever e com mínimas condições de letramento. A mesma reportagem já havia sido publicada quatro anos antes, no ano de 2.000 pela mesma revista, os mesmos alunos e professores chegaram a ser procurados pelos repórteres e jornalistas de modo a entender o que se modificou durante este tempo, infelizmente se depararam com a mesma realidade, poucas mudanças foram percebidas.

Muito debatemos sobre educação, mas verdadeiramente pouco tem se feito para melhorar a qualidade do ensino nestas instituições. Nossa prática está alheia a toda teoria que temos produzido.

Percebe-se ainda, segundo Araújo (2009), que a escola atual ainda é adubada pela escola tradicional e que muitos de seus fazeres estão intrinsecamente ligados a uma metodologia tecnicista de ensino, baseadas em cópias, apostilas e livros didáticos, escolhidos com poucos critérios e nada compatíveis com os saberes prévios de seus educandos e com os interesses dos mesmos, com exercícios motivados por meras repetições, onde se exclui toda e qualquer forma autônoma de compreensão dos conteúdos e o exercício deste. Nossos professores continuam a ensinar da maneira como aprenderam, e, se mostram muito temerosos ao fazer uso de novas metodologias, possuem em seu vocabulário frases prontas como, “sempre fiz assim”, “fui ensinada desta forma”, “ninguém nunca disse que o tradicional não era eficaz”... Estes mesmos profissionais se deparam com as mais diferentes dificuldades de aprendizagem todos os dias e por sua vez, são incapazes de incorporar práticas de uma educação inclusiva em seus contextos de forma à otimizar o tempo e o fazer escolar, pois, segundo Araújo 2009,

(...) A educação inclusiva não constitui uma nova expressão para designar a integração dos alunos com necessidades educacionais especiais. O conceito de inclusão é mais amplo que o de integração porque enfatiza o papel da escola comum na tarefa de atender à totalidade dos alunos. A inclusão constitui um enfoque inovador para identificar e abordar as dificuldades educacionais que emergem durante o processo ensino-aprendizagem (Araújo 2009 p 44).

O princípio da inclusão, orienta as ações dirigidas à superação das práticas de ensino tradicionais, que consideram as limitações dos educandos para explicar as dificuldades de aprendizagens, como resultado da influência do contexto que cria barreiras ao sucesso escolar. (Brasil, 2005, p.63)

Dessa forma, nos deparamos com uma realidade tanto ultrapassada, onde segundo Cortella (2014), acabamos ficando com um grande passado pela frente, porque nos deparamos com uma escola que não tem flexibilidade de pensamento, repousando em um conhecimento fossilizado e com um comprometimento assemelhado a domesticação, isto é, sem autonomia.

Na atualidade, constatamos que crianças, adolescentes e jovens se familiarizam de forma surpreendente com as novas tecnologias de comunicação, e, em quaisquer níveis sociais, há a expressão de sua criatividade através dessas tecnologias. Na periferia dos centros urbanos, encontram-se rádios comunitárias, ou programas de rádio nos intervalos das aulas

nas escolas públicas de Ensino Fundamental e Médio, em que adolescentes e jovens, compondo equipes criadoras, são os produtores, operadores, redatores, etc.(CORTELAZZO 2009)

Porém, professores continuam a ser preparados utilizando os recursos tecnológicos que privilegiam apenas a escrita, mesmo ao participarem de oficinas ou cursos de atualização sobre as tecnologias, recebem uma formação teórica e não são expostos à experimentar, manusear e manipular essas tecnologias. Não aprendem na prática como fazer uso destas tecnologias como suporte educacional e por isso, não percebem que, os alunos fora da escola, estão envoltos em um mundo de som, imagem, de virtualidade e que a televisão e, hoje, a Internet, são janelas para o mundo que pode lhes dar uma visão distorcida da realidade.

Não se dão conta das interações estabelecidas por estes, alunos e tecnologias e do quanto este envolvimento já presente, poderia ser positivo para o aluno, para a escola e para o resultado buscado por este professor, desde que fossem articulados com as ações educativas.(KENSKI, 1996 p 138)

O USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS COMO RECURSO METODOLÓGICO.

O sistema educacional com o qual convivemos parece não mais se encaixar com as necessidades da nova geração de alunos que chega as nossas instituições.

Este novo alunato vem sendo batizado por diversos autores como Nativos Digitais, geração Z,

(...) Essa geração, que compreende os nascidos entre o fim de 1992 a 2010, está ligada intimamente à expansão exponencial da internet e dos aparelhos tecnológicos. As pessoas da Geração Z são conhecidas por serem “nativas digitais”, estando muito familiarizadas com a World, Wide, Web, com o compartilhamento de arquivos, com os smartphones, tablets, e o melhor de tudo: Sempre conectadas.(MAYER 2014 s/p.)

Segundo a Revista Época Negócios (2016), com uma pesquisa encomendada pela Fundação Getúlio Vargas, no mês de agosto de 2016, o Brasil chegou a marca de 168 milhões de smartphones, um crescimento de quase 9% em relação ao ano anterior e uma expectativa de crescimento de 40% para os próximos quatro anos. Segundo esta mesma pesquisa, até 2.020 devemos chegar a marca de uma computador por habitante e os adolescentes e jovens são os principais motivadores destes números. Fator determinante para moldar as novas

características no perfil dos alunos e exigir, da escola e do professor, uma atualização constante.

Em uma escola passiva, onde ainda temos exercícios de cópias e reproduções descontextualizadas, memorização, atividades com pouca inovação, com raras situações de aprendizagens significativas sendo privilegiadas, contraditórias, mais alunos com tantas facilidades tecnológicas passam a ter sérias dificuldades de aprendizagem, problemas com os quais passam a conviver ano a ano, até serem engolidos por um sistema, capaz de convencê-los de sua incapacidade para o aprendizado ou levá-lo a evadir da instituição que não foi capaz de perceber suas imensas outras habilidades e em comum, com elas, criar metodologias para um trabalho pedagógico que o fizessem avançar cognitivamente. Não que as cópias não se façam necessárias, pois segundo Silva (2012), a sistematização dos conteúdos programáticos também se constitui no processo de aprendizagem e as cópias tem seu papel, o que acaba sendo muito criticado pelos professores mais afoitos que se deixam levar pelos modismos pedagógicos o que porém, tem sua razão de ser. O que é preciso enfatizar é que, para uma geração digital ou nativa digital, como mencionado anteriormente, aquilo que temos oferecido é pouco frente ao que estas crianças já vivenciam junto a tantos mecanismos de informação.

Tornou-se comum se deparar com um número exorbitante de crianças diagnosticadas com os mais diferentes déficits e variáveis patologias educacionais. Segundo AURÉLIO (2008), “patologia é o tratado das doenças ou ainda um desvio em relação aquilo que é considerado normal do ponto de vista fisiológico e anatômico e que por isso se constitui em doença”. Partindo deste conceito, a escola atual, com dificuldades em propor novos métodos para o aprendizado de seus estudantes, tem buscado caminhos alternativos, encaminhando estes para os mais diversos profissionais que em seus consultórios acabam por fazer aquilo que a escola não faz e ainda pior, descobre caminhos alternativos para aprendizagem desta criança, tão rotulada de hiperativo, desconcentrado e etc. Para Camas (2000), por mais digital que nossos alunos venham a ser, sempre será necessária a mediação do professor para que este conhecimento se torne científico, caso contrário a escolarização não seria mais necessária. Um dos desafios percebidos está em utilizar-se de algo que é tão comum e de interesse a estes estudantes como uma forma de facilitar o processo de ensino e aprendizagem . Segundo FERNÁNDEZ,

(...)Se analisarmos a situação atual da prática educativa em nossas escolas identificaremos problemas como: a grande ênfase dada a memorização, pouca preocupação com o desenvolvimento de

habilidades para reflexão crítica e autocrítica dos conhecimento que aprende; as ações ainda são centradas nos professores que determinam o quê e como deve ser aprendido e a separação entre educação e instrução. A solução para tais problemas está no aprofundamento de como os educando aprende e como o processo de ensinar pode conduzir à aprendizagem. (FERNÁNDEZ 1990,p 62)

A concepção de ensino aprendizagem defendida por Fernández (1998), é uma concepção dialética de educação, onde o aluno não é meramente visto como uma folha em branco. Aqui podemos recordar da pedagogia de Paulo Freire (1996), que descreve o aluno como sujeito de seu próprio aprendizado, instruindo professores e instituições ao não limitar seus estudantes. Ao contrário, a inovar em estudos, pesquisas e metodologias capazes de motivar a criança para o aprendizado. Ainda segundo Freire (1996), não existe ensino sem aprendizagem, não somos seres determinados, mas, como seres inconclusos, inacabados e incompletos, somos seres condicionados. O que aprendemos depende das condições de aprendizagem frente a qual estamos expostos. Somos programados para aprender, mas o que aprendemos depende do tipo de comunidade de aprendizagem a que pertencemos.

Para Fonseca (1995), a mediação pedagógica se faz necessária para que o aluno saia da sala de aula com plena capacidade de usufruir das possibilidades que o universo digital oferece. Seria necessário, articular de modo interdisciplinar os conteúdos programáticos com a metodologia, inovando na maneira e no modo de sistematizar o conhecimento.

De maneira prática podemos evidenciar diversas ideias transformadas em projetos e práticas por professores que compreenderam que os alunos de hoje aprendem os mesmos conteúdos, porém de forma diferenciada. Podemos citar o exemplo da Professora Isabel Aguiar, de Fortaleza, no Ceará, educadora e historiadora, pesquisadora de TIC, que passou a permitir o uso de celulares em sala de aula como ferramenta para enriquecer e contribuir para o aprendizado. Os alunos passaram a criar vídeos das aulas dadas pela professora de História, editá-los com aplicativos baixados nos próprio celular e compartilham esses vídeos através de mensagens ao grupo de whatsapp criado para a turma. A professora menciona em seu blog os pontos positivos e as dificuldades encontradas por ela em sala de aula.

Outra experiência de sucesso, onde notamos o desejo de inovar na forma de ensinar, é a do Professor Leandro Ferreira, professor de Geografia, do 3º ano da Escola Municipal Professora Regina Mallouk, de Rio Preto – SP, ele conta como aproveitou da febre do aplicativo de game Pokémon Go, para ensinar seus alunos a lerem e compreenderem mapas, o professor foi para a rua com turma para ensinar noções espaciais e lateralidade. Ferreira (2016) diz que "Pokémon Go" é um game social geográfico e que é preciso cuidados para jogar com segurança, mas os alunos foram orientados, a sempre jogarem em grupo ou com um adulto, a não

atravessarem a rua olhando para o celular e a não pularem muros.

Ambos os profissionais são taxativos em afirmar que os resultados de aprendizagens com esses alunos, que pareciam entediados com os conteúdos e que por vezes eram considerados desatentos, foram muito positivos. Os alunos não só aprenderam como ficaram motivados para as próximas aulas, os dois profissionais relatam ter percebido o brilho nos olhos de seus estudantes pelo conteúdo. Saliento que para Cortella (2006), o conhecimento serve exatamente para isso, encantar as pessoas.

O PROFESSOR FRENTE AS NOVAS TECNOLOGIAS EDUCACIONAIS

A sociedade atribuiu para a escola o papel fundamental de transmitir para as novas gerações o conhecimento historicamente construído pela humanidade. Essa mesma sociedade ganhou características digitais e passou a se comunicar de maneira digital, portanto, não é mais possível aceitar que as instituições escolares continuem a exercer suas atividades da maneira como o faziam no século passado.

Segundo Xavier (2005), as novas gerações tem adquirido o letramento digital antes mesmo de ter se apropriado completamente do letramento alfabético ensinado na escola. Esta intensa utilização do computador para a interação entre pessoas à distância, tem possibilitado que crianças e jovens se aperfeiçoem em práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramentos e alfabetização. Essas inúmeras modificações nas formas e possibilidades de utilização da linguagem em geral, são reflexos incontestáveis das mudanças tecnológicas que veem ocorrendo no mundo desde que os equipamentos informáticos e as novas tecnologias de comunicação começaram a fazer parte do cotidiano das pessoas.

Para Oliveira (2004), os trabalhos pedagógicos podem ser coerentes com a visão de conhecimento que integre o sujeito e objetivo, assim como aprendizagem e ensino. Nessa perspectiva, as tecnologias tornam-se ferramentas poderosas, capazes de ampliar as chances de aprendizagem do aluno. Ainda é possível encontrar no planejamento de alguns professores, ditados e cópias, sem falar nas produções de texto. Nada contra estes modelos de exercícios, mas na era digital observamos que ao fazer uso do computador com um mero programa de editor de textos como WORD, presente em boa parte dos computadores, é possível levar este mesmo aluno a fazer muito mais que isso. Visto que além de digitar e realizar pesquisas sobre a correta escrita das palavras, que automaticamente passam a ser sublinhadas pelo mesmo editor é possível, aprender sobre emprego correto dos verbos e

sobre a necessidade de classificar sites de informações confiáveis, utilizamos nosso tempo de maneira muito mais prática e pedagógica.

Não é podemos deixar de mencionar as inúmeras possibilidades de adicionar a este material, sons, imagens e até vídeos. Uma vez que interdisciplinamos muitos conteúdos e conceitos que são da função da escolar trabalhar em um único momento, fazendo dele proveitoso e prazeroso, proporcionado momentos de verdadeira autonomia ao educando.

O uso da informática na educação implica em novas formas de comunicar, de pensar, ensinar/aprender, ajuda aqueles que estão com a aprendizagem muito aquém da esperada. A informática na escola não deve ser concebida ou se resumir a disciplina do currículo, e sim deve ser vista e utilizada como um recurso para auxiliar o professor na integração dos conteúdos curriculares, sua finalidade não se encerra nas técnicas de digitação e em conceitos básico de funcionamento do computador, a tudo um leque de oportunidades que deve ser explorado por aluno e professores. RAMOS (2014 s/ p)

Ainda para Ramos (2014), a educação e o sistema educacional não pode mais sobreviver como antigamente, devendo também o professor assumir um novo papel, a tarefa de um mediador de conhecimentos, um crítico de sua própria prática e um atuante pesquisador de metodologias inovadoras.

É esperada do professor a competência de usar as TIC como ferramentas de busca e construção do saber e não como ferramentas de conclusão do conhecimento, pois esse é papel do professor. As novas tecnologias não substituirão o importante papel do professor, bem como não diminuirão o seu esforço em buscar aprender cada vez mais: elas trazem novas formas de se chegar ao conhecimento, este por sua vez mais prazeroso, interativo e transversal. FONTANA (2004 s. p)

Jacques Rancière (2002) refere-se a educação dizendo que , educar sem emancipar é embrutecer! (RANCIÈRE 2002)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A decisão de refletir e investigar sobre a prática educativa e a utilização dos recursos tecnológicos de maneira consciente e significativa, levou a constatar a relevante importância de se discutir ainda mais abertamente sobre as atuais didáticas e metodologias.

Em meio aos estudos e pesquisas realizados, concluímos que as metodologias ainda usadas em maior predominância na escola são retrogradadas e que por sua vez os docentes, não

dispõem de formação e informação para o uso das novas tecnologias educacionais temendo por estas serem substituídos em um futuro não muito distante . Vários desses profissionais, demonstram preocupar-se pouco com o modo de fazer, ainda muito voltados para o conteúdo distantes de perceber que dentro do universo que existente em sala de aula, cada aluno aprende de um modo e que muitas das dificuldades ou distúrbios percebidas, é apenas uma má adequação a forma do professor conduzir o conhecimento, a sua metodologia.

Acreditamos sim que os docentes devem receber nas próprias escolas, palestras, oficinas, estudos que acrescentem em sua formação e em seu fazer pedagógico. Porém é necessário, que isso antes de obrigação dentro das instituições, torne-se uma busca pessoal, incansável, diária e aberta.

Para Cortella (2015), os profissionais de hoje devem ser flexíveis e estar dispostos à mudança. “Ser flexível significa ser capaz de, sem alterar seus princípios e valores básicos, enxergar e viver a realidade de outros modos”. Ele explica que a flexibilidade se caracteriza pela capacidade de romper algumas amarras e preconceitos. Muitas vezes, essas amarras tornam as pessoas reféns de uma condição que, parecendo segura e confortável, pode ser indicadora de indigência e fragilidade intelectual, segundo ele.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Isabel 2014, **O polêmico uso do celular em sala de aula**, disponível em <http://profisabelaguiar.blogspot.com.br/2014/11/o-polemico-uso-do-celular-em-sala-de.html>, (consultado em 08/09/2016)

ARAÚJO 2009. **Crianças Ocupadas. Como algumas opções erradas estão a prejudicar os nossos filhos.**, URL : <http://configuracoes.revues.org/505>, consultado o 06/11/2016

AURÉLIO 2008 ,Dicionário Aurélio online- **Patologia**, disponível em <https://dicionariodoaurelio.com/patologia> (Consultado em 21/10/2016)

BASTOS, José Timóteo Silva. Dicionario etymologico, prosódico e ortográfico. Lisboa: Pereira, 1928 p 89 e 326

BRASIL, MEC. Circular Ofício-Circular nº 1/2016/CGEI/DICEI/SEB/SEB-MEC : <http://sei.mec.gov.br/> (consultado em 23/08/2016)

BRASIL. Agência 2003 **Perfil dos Educadores Brasileiros**, disponível em <http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2003-12-09/pesquisa-traca-perfil-do-educador-brasileiro>, (consultado em 06/11/2016)

CORTELAZZO, Iolanda Camargo Bueno.**Prática Pedagógica, Aprendizagem e Avaliação Em Ead**, Edição:1ª; Editora IBEPEx 2009.

CORTELLA, M.S. 2015, **A gestão do conhecimento**, disponível em <http://www.todospelaeducacao.org.br/educacao-na-midia/indice/35500/entrevista-mario-sergio-cortella-defende-a-gestao-do-conhecimento/> (consultado em 06/11/2016)

CORTELLA, M.S. 2014 **Filosofia e Ensino Médio: certas razões, alguns senões, uma proposta**, disponível em <http://www.pe.senac.br/ascom/congresso/anais/2009/AnaisSenac2009.pdf>, p73(consultado em 16/10/2016)

ÉPOCA NEGOCIOS, disponível em <http://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2016/04/epoca-negocios-brasil-tem-168-milhoes-de-smartphones.html> (consultado em 20/09/2016)

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRA Leandro 2016, **Professor usa 'Pokémon Go' para ensinar geografia em Rio Preto**, disponível em http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2016/08/professor-usa-pokemon-go-para-ensinar-geografia-em-rio-preto.html?utm_source=facebook&utm_medium, (consultado em 08/09/2016)

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FONTANA 2004, **O perfil do professor frente às Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na sociedade em rede**, disponível em <http://sinpro-es.org.br/main.asp?link=amateria&id=20>, (consultado em 16/10/2016)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo, Paz e Terra, 1978.

GALLO, S. **“Transversalidade e educação: pensando uma educação não-disciplinar”**. In: ALVES, Nilda (org.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro, DPA Editora.

GUERRA, L.B. **A Criança com dificuldades de aprendizagem**. Rio de Janeiro: Enelivros, 2002.

IBOPE. [http://www4.ibope.com.br/download/geracoes%20 y e z divulgacao.pdf](http://www4.ibope.com.br/download/geracoes%20y%20e%20z%20divulgacao.pdf) (Acesso em 21/10/2016)

KENSKI, V. M. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. Campinas: Papirus, 1996.

LOPES, Maura Corcini. **O direito de aprender na escola de surdos**. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Orgs). **A invenção da surdez II. Espaços e tempos de aprendizagem na educação de Surdos**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006a. P. 34 e 36

MEYER 2014, **Como administrar os conflitos entre gerações**, <https://www.oficinadanet.com.br/post/13498-quai> http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2016/08/professor-usa-pokemon-go-para-ensinar-geografia-em-rio-preto.html?utm_source=facebook&utm_mediums-as-diferencas-entre-as-geracoes-x-y-e-z-e-como-administrar-os-conflitos (Consultado em 23/10/2016)

OCED BETTER LIFSET INDEX, **Ranking da Educação**. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/impavido-colosso/em-ranking-da-educacao-com-36-paises-brasil-fica-em-penulti> (consultado em 23/09/2016)

OLIVIEIRA, Neusa de. **Novas Tecnologias e a formação de professores**. In: EDUTEC 2004, Barcelona. Disponível em <http://www.cinted.ufrgs.br/renote/dez2006/artigosrenote/25159.pdf>. Acesso em: 26/10/2016.

Organização das Nações Unidas. UNESCO. (1994). **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília, DF: CORDE

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

PADILHA, R.P. **Planejamento diálogo: como construir o projeto político da escola**. São Paulo: Cortez, Instituto Paulo Freire, 2001

PRETTO, Nelson de Luca (org.). **Globalização & organização: mercado de trabalho, tecnologias de comunicação, educação a distância e sociedade planetária**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1999.

RAMOS, Edi Patricia **O professor frente às novas tecnologias de informação e comunicação**, 2014, disponível em <http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/O-professor-frente-%C3%A0s-novas-tecnologias-de-informa%C3%A7%C3%A3o-e-comunica%C3%A7%C3%A3o.aspx>, (consultado em 10/09/2016)

RANCIÈRE Jacques (2002), Revista Educação e Cultura Contemporânea. Vol 11, Nº. 23, p 252.

Sawaia, B. (Org.). (2002). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social** (4a ed.). Petrópolis, RJ: Vozes.

STRICK, C. e SMITH, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z – Um guia completo para pais e educadores**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

VARGAS, Milton (Org.) **História da técnica e da tecnologia no Brasil**. São Paulo, Ed. Unesp: Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, 1994.

VEJA, Redação. **Uso de Ritalina cresce 775% no Brasil em 10anos**. Disponível em <http://veja.abril.com.br/saude/consumo-de-ritalina-no-brasil-cresce-775-em-dez-anos/> (Consultado em 30/09/2016)

XAVIER 2005, **Os Professores Frente as novas Tecnologias Educacionais**, disponível em <http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/O-professor-frente-%C3%A0s-novas-tecnologias-de-informa%C3%A7%C3%A3o-e-comunica%C3%A7%C3%A3o.aspx>, (consultado 29/09/2016)